

A CASA DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO 1643-1937

Ricardo Severo

I — NOTULAS HISTORICAS

A historia desta Casa da Faculdade de Direito tem a sua origem na data do estabelecimento em São Paulo da Ordem Serafica de São

Francisco de Assis, no terreno onde posteriormente se abriu o Largo de São Francisco.

Dizem as cronicas daquele tempo que, embora autorizada a fundação do Convento Franciscano no termo da antiga vila, por alvará de 29 de Novembro de 1624, a sua edificação só foi iniciada em 1639, proximo á ermida de Santo Antonio, na atual Rua Direita, “depois de examinados pelo 1.º Custodio Fr. Manoel de Santa Maria o local e os recursos que os moradores ofereciam” (*)

Quatro annos depois (em 1643), o 2.º Custodio Fr. Francisco das Neves determinou a mudança para a atual localidade julgada mais conveniente e onde se recommçaram as obras do mosteiro definitivo. Estas, porém, foram desde

(*) M. E. DE AZEVEDO MARQUES — “*Apontamentos historicos*” etc. — 1879 — Vol. I, pg. 109 — SPENCER VAMPRÉ — “*Memoria para a historia da Academia de São Paulo*” — 1924 — Vol. I, pgs. 1 a 5.

logo interrompidas em virtude de circunstancias provenientes da expulsão dos jesuitas em 1640; e sómente prosseguiram em 1644.

A construção deste convento está portanto ligada historicamente á revolta popular que libertou a Metropole do jugo castelhano, notavel movimento de independencia que proclamou a restauração da monarchia portuguesa, após ter aventado uma nova ordenação democratica.

A tradição, porém, seguiu o fio inquebrantavel do seu destino, pois que, dois seculos passados, esta Casa Conventual transforma-se na séde da primeira Faculdade Universitaria do Brasil independente, e finalmente republicano.

A criação da primeira Academia de cursos juridicos e sociais no Brasil surge no ano seguinte ao da sua independencia politica, proposta á Assembléa Constituinte na sessão de 14 de Junho de 1823 por José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois ministro do imperio com o titulo de Visconde de São Leopoldo. Proposta esta de tal modo sensata no seu espirito inovador e na localização das duas primeiras Universidades brasileiras, que, passados quatro anos de injunções politicas e longos debates, é promulgada a lei de 11 de Agosto de 1827 creando definitivamente os cursos juridicos de Olin-da e São Paulo.

Foi escolhido na capital desta Provincia o Convento de São Francisco para sua instalação e na ampla sacristia, adrede preparada, foi celebrada a inauguração da primeira *Academia de Ciencias Sociais e Juridicas* no dia 1.º de Março de 1828, sob a diretoria do Tenente General Toledo Rendon, assistencia do Presidente da Provincia e do Bispo diocesano, proferindo a primenra “oração de sapiencia” o illustre Professor Dr. Avellar Brotero.

A historia desta Casa tradicional e celebre nos anais paulistas condensa-se, portanto, nos seus dois largos periodos consecutivos de dois seculos de Convento e um seculo de Escola, concernentes á sua originaria função social e á sua adaptação para sodalicio academico.

II — ARQUITETURA
PRIMITIVA

O mosteiro franciscano, tal como o encontraram os fundadores da Academia de Direito, apresenta-se com a simplicidade duma arquitetura verdadeiramente primitiva, mas consentanea com o meio e a época, com a escassez dos recursos e dos materiais.

Algumas estampas do seculo passado e fotografias de 1860 (fig. 1), dão-nos o aspecto completo do edificio, que se integra, em seus traços estruturais, no tipo comum por todo o paiz e em especial nesta cidade (Carmo e São Bento) das vastas habitações coletivas destinadas a vida monastica. Esta função dá á sua arquitetura um carater uniforme: longa fachada de dois pisos, com filas de janelas repartidas de conformidade com as celas internas, ao lado a capela com a sua torre; como elementos decorativos apenas, aparentes, os quadros construtivos das janelas, de madeira lisa com o lintel arqueado, coberto por diminuta arquivolta, e como coroaamento deste homogeneo frontispicio horizontal, uma cimalha corrida formando com o largo beiral saliente o entablamento terminal do desataviado edificio. A igreja lateral tem outras pretensões arquitetonicas, com pilastras nos angulos, arquivoltas, frisos e cornijas, frontão curvo, a composição de simetria axial tripla, propria deste tipo de templos coloniais, comuns em todo o Estado.

Não obstante a simplicidade da construção, no seu conjunto e nos elementos arquitetonicos, os mestreiros desta obra imprimiram-lhe as características do estilo *baroco-jesuitico* que após o renascimento manuelino se espalhou pela metropole e colonias durante os seculos XVII e XVIII, sob o titulo “estilo D. João V”, aqui denominado genericamente “do Aleijadinho”, de meado do seculo XVIII até á Independencia.

A extrema singeleza arquitetural que envolve muitas destas obras dos antepassados, embóra depreciavel aos olhos da modernidade, deu-lhes comtudo uma harmonia estetica digna de admiração, não só na sua logica adaptação á estrutura interna e á tecnica construtiva propria da época e do local, como tambem na sua extensa e calma horizontalidade

que tão acertadamente se harmonisa com o ambiente pacífico de beata clausura e com o quadro exterior da paisagem circundante. Será mera impressão de arqueologico saudosismo; entretanto citaremos a nota dum recente visitante, Paul Adam, que a proposito destes edificios monacais diz:

“Quel critique composera le livre qu’il faut sur ces églises, ces couvents du Brésil, sur leur architecture, sur les sites incomparables qu’ils dominent, et choisis, golfes, fleuves ou forêts, par le génie des fondateurs. Seuls les Egyptiens et les Grecs surent ainsi, en édifiant leurs temples ou leurs acropoles, en faire les centres d’un paysage limité, composé par la vue de l’homme qui s’arrête entre leurs colonnes, par celle du moine qui s’accoude à la fenêtre de son réfectoire” (*).

O plano do edificio obedece em suas linhas gerais á trama destas casas de comunidades, sempre dispostas em quadrilatero contornando um claustro central, e repetindo-se o dispositivo ao redor de pateos consecutivos quando o predio aumentava em extensão, de sorte a expôr ao ar e ao sol a maior superficie de fachadas.

Se não houvessem outros dados para uma reconstituição, bastaria seguir o memorial apresentado em Novembro de 1827 por Toledo Rendon sobre a vistoria feita no Convento de São Francisco, e ter-se-ia o risco do velho predio no tempo do seu aproveitamento para a futura Academia:

“Este convento tem salas na frente e no lado direito. No lado esquerdo está a igreja e, na taguarda, um salão antigo e outro sumamente grande, em paralelogramo, destinado a celas. O primeiro serve sofrivelmente para uma escola, e do segundo podem formar-se duas. No lado di-

(*) PAUL ADAM — *“L’Effort Portugais”* — Paris, 1916 — Pag. 22.

reito tambem está uma boa livraria que me parece já tem 5000 volumes. Parte dela legada aos frades e parte é publica. Nos baixos do convento, se poderia estabelecer quatro aulas menores, formando-se duas da antiga aula dos frades e outras duas do lugar onde está a sacristia, mandando-se esta para o lugar antigo, por detraz da capela mór, de cujo lugar a mudaram os frades, por haver algumas ruinas nas janelas. Posta uma divisa no fim do salão grande, ficam os frades separados, e só terão encontro com estudantes, quando descerem para a igreja, porque até as escadas são separadas, indo uma para os mencionados salões e a outra para a parte dos frades e o coro. E aqui tem V Exa. acomodado o Curso Juridico com tres aulas em cima e quatro embaixo, para os estudos preparatorios, sem demolir nada e sem vexames dos frades”.

Instalaram-se de inicio no Convento os cursos superiores, permanecendo á parte os preparatorios, até que a Academia ocupou a totalidade do edificio, conforme os planos das figs. 3 e 4, que restabelecem fielmente o memorial descriptivo de Rendon. Simplesmente o primitivo ingresso era pelo adro da igreja, comum aos religiosos e aos estudantes, e posteriormente, de reforma em reforma, foi passado para o centro do edificio e da praça fronteira, aberta tambem por influencia de Rendon, demolida que foi a cerca que fechava os “passaes” do Mosteiro.

Sobre este plano claustral, em torno do “Pateo das arcadas” (fig. 2), estabelece-se a Faculdade de Direito, fixando algumas das tradições nominais da vetusta Universidade de Coimbra, com “os geraes”, como eixo das “aulas maiores” e “menores”, a sala dos “atos grandes” e “capelos”, donde provinham, dentre solenes teorias de “becas”, as “borlas”, os “graus” doutorais, os “nemine discrepante” os “simpliciter”, os malfadados RR, e o regimento escolar sinalado pela “tor-

re da cabra”, aqui também celebre na vida anedótica de “veteranos”, “novatos” e “caloiros” ou “bichos” com as suas “troças” e “trotes”, que mantiveram nesta “Atenas” paulista a nota jovial da sua irradiante mocidade. Não a encimou porém, como na “Atenas” coimbrã, a vetustez do escudo heráldico com a lenda de Cindazunda, nem a arregimentou a filosofia escolástica de “habitos talaes” proveniente dos tempos medievais dos reis D. Diniz e D. João III (1290-1537). A nova Academia surge com uma orientação renovadora, impulsionada pelo espírito cívico da independência para a cultura do livre pensamento e naturalmente para o ensino livre.

Através deste comentário tradicionalista falam com expressiva linguagem os traços geométricos dos planos que chamaremos “históricos” das figs. 3 e 4, que condensam a arquitetura interna do secular Convento, tal como a encontramos ao raiar do século XX.

E como este edifício foi um exemplo modelar entre os grandes Mosteiros da era colonial erigidos na Província de São Paulo, interessará fixar também os detalhes relativos aos materiais e processos da sua construção.

III — MATERIAIS E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO

A principal matéria prima que concorreu para a avantajada *fabrica* desta edificação foi a própria terra do solo paulista transformada em *taipa*, mistura de “humus” e saibros, apiloada em camadas sobrepostas entre fôrmas corridas de taboas, constituindo as espessas paredes do grande sobrado. Como travação longitudinal uma vara roliça de madeira de 2 a 4 cm. de diâmetro, em geral de araçá-do-mato, estendida ao comprimento da parede, e transversalmente veem-se ainda os vestígios das barbacãs, devidamente compassadas, que foram moldadas em “banana-do-brejo” ou “palmito verde”, destinadas às travessas do andaime, acompanhando a subida do muro. Tão habéis foram os taipeiros da época, e de tão boa escolha o material deste *formigão*, que após três séculos os muros se conservavam sem trincas até a altura

dos telhados, dificultando pela coesão da massa a sua demolição. Os alicerces tinham cavoucos até 3 metros de profundidade, assentando sobre a tabatinga incompressível do subsolo, justo onde igualmente se firmaram as fundações do predio actual. Os muros eram formados sobre esta base em toda a largura, sem resaltos até ao segundo piso, e as suas espessuras variavam de 10 palmos (2,20 m. na torre da igreja) até 5 e 3 (1,10 e 0,66 m.) nos muros externos e internos do Convento.

A cal foi apenas empregada nas argamassas de emboço e reboco, nos paramentos internos e externos dos muros, de mistura com saibro, e nas respectivas caiações com ocras ferruginosas.

Não foram empregadas alvenarias senão nos pilares das arcadas, com argamassa de saibro e blocos de arenito ferruginoso, de “pedra ferro”, que se encontra em veios entre as formações da argila compacta do sub-solo. O granito lavrado foi apenas usado em soleiras degraus e lagedos. Os tijolos somente aparecem em pavimentos, do tipo chato de ladrilho de forno, e alguns de grandes proporções (44 x 22 x 11 cm.) em obras posteriores á construção primitiva.

Nas restantes partes da construção foi empregada a madeira de lei — oleo, jacarandá, massaranduba, guatambu e canela (*) — em traves falquejadas no vigaamento dos assoalhos, que eram compostos de tabões de largura até dois-e-meio palmos, unidos a meio fio e pregados sobre as traves e tarugos com cavilhas forjadas á mão; em peças inteiriças, esquadriadas e aplainadas nos requadros das portas e janelas, soleiras, peitoris, ombreiras, e dinteis, sendo que sobre a verga lindeira, um cimbri de paus roliços de grossuras decrescentes collocados transversalmente ao muro, formava o segmento do arco de descarga da taipa São detalhes constructivos interessantes que demonstram como, embora de grosseira

(*) Foi notoria a ausencia das perobas que constituem hoje o madeirame corrente de todas as construcções.

realização, as regras da arte de construir, ditadas por secular experiência, foram aplicadas por estes obreiros com tão elementar e deficiente materia prima.

Na fig. 5, apresentamos o arcaabouço do telhado, armado á maneira antiga com linhas de nivel, pontaletes, e o varedo de dupla inclinação para lhe dar a elegante curvatura á maneira oriental característica dos antigos telhados de telha redonda, de largos beiraes; e na fig. 7 o exemplo do tabique encontrado em divisões internas com a armação em cruz e o perfeito xadrez das fasquias de palmito.

As janelas eram do tipo chamado de guilhotina, com pequenos vidros retangulares e os “escuros” apainelados com postigo. Não se encontraram rotulas de modelo colonial, sómente em frestas na divisoria com a igreja; as portas lisas com frisos sobrepostos, e entre as almofadas, apenas, como variante de aprimorado trabalho, o exemplar da fig. 6 retirado duma entrada da ala direita. As ferragens, tambem de forja, eram de modelos comuns, constando de palmelas, espanholetas e simples ferrolhos; as fechaduras de broca, com volumosas chaves, e alguns espelhos recortados com o desenho de fig. 6. Os forros primitivos eram de taboas de cedro, unidas com junta de chanfro, com aba e cimalha da mesma madeira; os mais recentes de “camisa e saia”, fig. 8, e apenas o teto do salão tinha uma composição aprimorada, com applicações de molduras doiradas e decorações coloridas fig. 11; cobriu, desde a ultima reforma, o comprido salão das grandes solenidades, dividido em duas partes: dum lado a teia reservada a tribuna da congregação com as sedes catedraticas e o pulpito do orador, e do outro o anfiteatro destinado ao publico academico.

Quantos olhares de anciedade e de esperanças, hoje saudosos, terão guardado a memoria deste docel que abrigou gerações de lentes e bachareis, e sob o qual se afirmaram as mais solenes manifestações da intelectualidade paulista!

As outras salas conservaram as proporções e o aspecto da era conventual, de rude simplicidade, com as espaçadas

janelas ao fundo dos seus nichos arqueados, no vão dos muros de meia braça de grossura (fig. 8).

Não existiam já os pequenos “poiais”, nos lados das antigas “ventãs”, a recordar o ambiente de clausura das celas monacais. Estas foram abertas, para se formarem espaçosas aulas em que outro noviciado se estabeleceu para a obra filantropica e sempre atual da Cultura.

IV — REFORMAS E AMPLIAÇÕES

O primitivo mosteiro sofreu varias reformas, não só durante a sua ocupação pela ordem franciscana, como tambem depois da sua adaptação aos cursos juridicos, em 1828.

Primeiramente foram instaladas no pavimento terreo as aulas do curso superior, permanecendo as aulas de preparatorios no Colegio dos Jesuitas, donde se passaram para um predio do Largo de São Francisco no quarteirão onde hoje está a Escola Alvares Penteadado, que foi alcunhado entre os academicos o “curral dos bichos” Este curso anexo instalou-se mais tarde no rez do chão da Academia de Direito, acarretando a mudança novas obras de reforma para aproveitamento do andar superior, entre as quais a da Biblioteca Publica, creada em 1825 pelo primeiro presidente da Provincia, como ampliação da primitiva livraria do convento. De resto, estas casas monasticas, mantiveram sempre as suas bibliotecas, algumas notaveis pela quantidade de livros e opulencia ornamental, como a do Mosteiro Cisterciense de Alcobça (com 50 metros de comprimento e 34 janelas), tendo conjuntamente tipografia e escolas de ensino primario, gramatica, latim, teologia e musica. E’ de justiça constatar que estes retiros claustrais foram tambem o repositorio de artes e letras, que mais tarde, após a extinção das ordens religiosas, enriqueceram museus e bibliotecas publicas, transmitindo á posteridade este acumulado tesouro de creações do engenho humano.

Foi submetido o velho pardieiro a alterações e concertos indispensaveis, sendo o de maior monta consequencia do incendio que em 16 de Fevereiro de 1860 consumiu o arquivo da Academia, transmitindo-se á igreja, facto que alarmou toda a população da paulicéa, tal a sua estima pela tradicional reliquia dos antepassados, e tambem a raridade do impressionante acidente, considerado pela imprensa da epoca “um dos mais pavorosos incendios de que ha memoria nesta Capital” A providencia para a immediata restauração foi desde logo tomada pelo director Pires da Motta, sendo aberta subscrição publica, patrocinada pela Academia, para um novo altar-mór esculpado em madeira encomendado na Alemanha, que ainda hoje constitue o principal ornamento da igreja.

A reforma mais importante, porém, que se executou no edificio, foi a inclusão dum atrio central para o seu ingresso independente com tres portas para o largo e uma passagem central, abrindo para o eixo da galeria das arcadas, ladeado por duas escadas de marmore que davam acesso ao pavimento superior (figs. 3 e 4).

A Academia ocupava então integralmente todo o Convento, contornando ainda, no andar, o abside da igreja com as salas de recepções e da congregação.

A esta reforma, realisada em 1886 pelo Director Cons.^o Fleury, correspondeu a substituição da fachada principal por outra, em estilo de renascença, que não alterou as proporções e a distribuição das janelas, apenas equalisou algumas, conservando-as, porém, tais como eram primitivamente, firmes nos seus quatro membros de madeiras de lei, embutidos na velha taipa.

Revestiu-se a vetusta frontaria com uma composição estilizada sobre o classico *Vignola* modelada em argamassa de cal e areia; foi rapado o enorme beiral e substituido por um entablamento dorico denticular, com platibanda, suportado em toda a extensão da fachada por apilarados riscados em

bossas, com o seu capitel, base e pedestal, colocados simetricamente no entremeio das janelas (fig. 10).

Esta a armação arquitetónica com que se paramentou de novo o velho frontispício do convento, cortado á altura dos peitoris do andar por um arquitrave corrido; como motivo de centro a porta principal mais ampla, cuja altura atingia o piso superior, emoldurada por arco sobrelevado com as nascenças sobre duas colunas jónicas; coroava este conjunto um mesquinho frontão redondo com arquivolta, envolvendo o relógio sobreposto á platibanda; alguns apainelados mais, preenchendo o pouco vazio que sobrou, completavam o emboçamento arquitetural desta fachada, tal como existia ao tempo da demolição do velho prédio, iniciada em 1932.

Foi esta demolição que nos permitiu investigar a composição estrutural do primitivo mosteiro, e as circunstancias da sua modesta formação. Tão parca de elementos artisticos e tão pobre na sua economia domestica, que do seu desfazimento nada resultou de utilisavel. Apenas entre os entulhos se acharam algumas raras moedas de cobre, das quais a mais antiga era do cunho de D. João V — 1718; e pelos cavoucos dos alicerces tambem foram descobertos os vestigios de sepulturas alinhadas nas galerias do claustro, encontrando-se ainda alguns tumulos sobrepostos, abertos nas espessas paredes dos corredores que conduzem ao segundo pateo menor, onde está o mausoleu do professor Julius Frank (fig. 12 e 13), construidos sob arcos de tijolos, rebocados e caiados internamente, de certo sepulcros destinados a personalidades eminentes da Ordem.

Si quizermos detalhar ainda o resultado destas pesquisas arqueologicas, não temos a inventariar mais do que: alguns raros pedaços de porcelanas da India e da China recordando o trafego navegante com o Extremo Oriente, terra-cotas negras de fabrico inglez muito em uso na metropole e colonias, e cacos de faiança pintada dos ceramistas portuguezes dos seculos XVIII e XIX, ao lado de restos de imagens tambem de barro dos coroplastas e imaginários metropolitanos.

São estes unicos restos arqueologicos os anonimos documentos de dois seculos de existencia do grandioso Mosteiro da Ordem de São Francisco. Permanecerá, todavia, fielmente reconstituído na sua forma primitiva e no proprio local, o *Pateo das Arcadas*, (figs. 2 e 9) que foi o quadrante axial da habitação monastica, o centro tradicional da primeira Academia de Direito, e que constituirá tambem o nucleo em torno do qual vae desenvolver-se o plano arquitetónico do novo edificio.

V — O NOVO
EDIFICIO

Durante o periodo reitoral do Dr. J. de Alcantara Machado de Oliveira (1930-1935) foram iniciados os estudos para a reforma completa do predio, correlativamente aos da sua substituição por um novo edificio digno das brilhantes tradições e da função cultural da Academia, superlotada pelo extraordinario aumento da matricula, insufficiente para o desenvolvimento e modernização do ensino.

O longo e debatido estudo deste projeto pode separar-se em quatro problemas, a que foram dadas as respectivas soluções, compreendendo o primeiro o aproveitamento do existente, e a construção de dois novos salões em dois pavimentos, sobre o quintal dos fundos, fronteiro á Rua Riachuelo, e apenas recompondo a fachada sobre o Largo com uma porta monumental; o segundo nas mesmas condições, porém acrescentando dois pavilhões nos fundos de sorte a acomodar a biblioteca, sala de leitura, o salão de honra e mais quatro grandes salas para aulas; o terceiro não de reforma mas de predio novo com tres pavimentos e novas plantas, porém, com a clausula obrigatoria da permanencia inalteravel do “*Pateo das Arcadas*” (fig. 18); o quarto e ultimo segundo o plano anterior, mas com quatro pavimentos, tal como está sendo construido, (figs. 14 a 17 e 19 a 21).

Por honroso convite do Dr. Alcantara Machado foi-nos dado colaborar tecnicamente em todos estes estudos com o caloroso empenho da illustre Congregação e o devotamento

dos dignos e sucessivos diretores da Faculdade, Dr Waldemar Ferreira, Dr. Gama Cerqueira, Dr. Raphael Corrêa Sampaio, Dr. Candido Motta e Dr. Francisco Morato.

Neste integro e douto Cenaculo foi minuciosamente analisada e discutida a solução definitiva, tendo-se evidenciado dois pontos de vista diversos na orientação do projecto: a construção dum edificio, desenvolvido em altura, inteiramente moderno na sua arquitetura interna e externa, ou dum predio sobre o terreno occupado pela tradicional Academia, recordando exatamente a arquitetura luso-brasileira dos fins do seculo XVIII ao raiar da Independencia. Prevaleceu esta ultima opinião, para que justamente no edificio publico a que se prendem as mais lidimas memorias da cultura paulista, se fixem como num museu os elementos duma epoca e duma tradição que se tornou nacional pela arte dos mais notaveis mestres e alveneis brasileiros; emquanto o urbanismo da grandiosa capital, pelo impulso inevitavel do seu extraordinario desenvolvimento, vai demolindo todos os arcaicos padrões do velho burgo de Piratininga.

Assente esta orientação, o estudo do projeto enveredou pelos elementos mais caracteristicos dessa arquitetura tradicional.

Baseada no chamado estilo baroco-jesuitico da ultima fase do renascimento classico — e que alguns criticos consideram a sua degenerescencia — esta arte dominou no centro da Europa e nas suas peninsulas de fundo latino durante dois centenarios, até ao seculo XIX, creando as eras florescentes de Bernini na Italia, de Churriguera na Espanha, de Luiz XV na França e D. João V em Portugal.

Daqui a transportaram nobres, frades e leigos para os dominios coloniais espalhados por outros continentes, nos quais começavam a arquitetar-se novas nações. Mas esta arte de character eminentemente social, adaptando-se aos novos meios fisicos, etnicos e morais, creou por sua vez modalidades regionais que, se não constituem novos estilos, entretanto realisaram em novas formas concepções originais de carater proprio e independente.

Assim no Brasil, com a arquitetura colonial, que erigiu nas diminutas vilas da primeira colonização e nas capitais das imensas provincias os humildes mocambos, os fidalgos solares, os palacios do governo e os templos de rara magnificiencia com a materia prima, o artifice e a mentalidade creadora proprios do novo paiz.

Os elementos componentes e caracteristicos da arquitetura *baroca*, na livre fantasia da sua composição, mais ornamental que construtiva, modificaram-se quando se naturalizaram brasileiros. E esta alteração pode exprimir-se por um mais lato *embarocamento*, não só dos elementos retilineos e planos como dos perfis curvilineos que compõem os pedestais, fustes e capiteis, em colunas, pilastras e balaustres, os saimeis, os alizares, as arquivoltas e os frizos das cimalthas, cuja cornija se liga muitas vezes ao filete do arquitrave por meio de garganta curva desenvolvida em perfil de *escocia*.

A linha curva domina todos os espaços susceptiveis de ornamentação, como se fosse a expressão grafica mais adaptavel ao ambiente tropical. No baroco da metropole foram conservados mais fielmente os perfis retilineos que constituem o arcabouço neo-classico, embora uma excessiva decoração ornamental, aplicada com maior profusão nos interiores, denuncie a mesma superabundancia, ora estilizada ora de flagrante naturalismo, destacando-se entre as lacas e os dourados, angelicas imagens e alegorias, motivos da fauna e da flora, encarnados no natural.

Da opulencia decorativa desta era archeologica são exemplos admiraveis alguns interiores de afamadas catedraes brasileiras e numerosos altares de magnifica talha espalhados pelas suas antigas igrejas e capelas.

De resto nos outros paizes em que se aprimorou o *Baroco*, tambem sobre um esqueleto geometrico de linhas classicas, se acumulou a sobrecarga duma arte essencialmente plastica e ornamental; e foi a maneira expressiva desta modelação, resultante da epoca, do meio e do artista, que lhe deu o caracter proprio a cada paiz.

Esta arte colonial, depreciada, pois que esparsa por todo o paiz sem um museu de conjunto, constitue não obstante, na especificidade dos seus detalhes, uma realidade nacional.

Tomando destes elementos os mais característicos, procurou-se adornar a vestimenta arquitetural do novo edificio da Faculdade, emquanto o seu interior obedece aos mais modernos preceitos duma escola universitaria da atualidade. E' claro que as proporções dos grandes sobrados coloniais não podem aplicar-se diretamente á confeção dum predio de varios andares, com vinte e cinco metros de altura, de carater monumental. Mas, a documentação artistica recolhida das antigas construções de São Paulo, Ouro Preto, Congonhas, Sabará, Mariana, Caeté, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, etc., presta-se inegavelmente para compor um todo de harmonia estetica que representará no quadro urbano da modernidade, reconstituindo a obra admiravel e rediviva das gerações antepassadas, a homenagem publica a uma Epoca, uma Arte e uma Tradição nacionais.

Em consequencia deste proposito de nacionalisar o mais possivel o estilo do edificio, como se houvera sido delineado por qualquer mestre-de-risco do seculo XVIII, procurou-se nas suas linhas gerais estabelece-lo nos moldes das grandes edificações civis da epoca e da verosimel origem desse provavel arquiteto antepassado. Esta proveniencia, naturalmente europeia, deveria ter sido peninsular, não porém doutros paizes do velho continente. Para completar portanto esta verosimilhança no tempo e na arte foi adotado o estilo do renascimento barroco-jesuítico implantado no Brasil pelos seus primeiros construtores.

E assim foi delineada a composição da fachada em tres corpos avançados sobre dois outros em recuo, cujo aspecto de mais calma uniformidade constitue o fundo sobre que se destacam os motivos principais destinados a dar á arquitetura do edificio o carater monumental que lhe compete. O do centro compreende o portico de seu ingresso principal com um alto embasamento de cantaria, no qual se abrem os tres arcos da

entrada, servindo de soclo a uma colunata composita, que suporta o frontão curvo de recorte colonial; os corpos secundarios têm como motivo dominante uma grande janela com balcão, ornamentada com os motivos dos portais modelados pela arte característica de Antonio Francisco Lisboa (nas suas igrejas de Ouro-Preto, São João d'El Rey e outras do Centro Mineiro). Nos membros que constituem o esqueleto arquitetônico do edificio, na variada molduragem que compõe cimalthas, arquivoltas, capiteis, bases, linteis, etc., desde o rodapé até ao coroamento, foram conservados e rigorosamente interpretados os modelos, perfis, contornos dos tipos coloniais mais característicos, assim como foram aproveitados os motivos ornamentais que enriquecem os monumentos históricos da arte colonial espalhados de Sul a Norte do paiz, e os quaes um exame arqueológico, que data de vinte anos passados, nos leva a classificar, pela sua original adaptação ao meio físico e social, como duma *Arte brasileira*. (*)

Arte representativa duma notavel conjunção histórica e geográfica, duma síntese morfológica, que alguns críticos da história da arte denominaram também *Baroco-Franciscano* (como uma nova espécie ou variedade), para melhor definir num só integral a ação universalista dos missionários

(*) RICARDO SEVERO (da Academia de Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra, do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, etc.): "*Da Arquitetura e Habitação nos climas quentes*" — Tipos Gerais e Regionais — in Quarto Congresso Médico Latino-Americano. Rio de Janeiro, 1908. "*A Tradição*" — in Instituto Histórico e Geográfico — São Paulo, 1911. "*A Arte Tradicional no Brasil*" — A Casa e o Templo — in Sociedade de Cultura Artística — Conferências — 1914-1915, pags. 37 a 82, com ilustrações. "*A Arte Tradicional*" — Conferência no Gremio Politécnico — publicada na "Revista do Brasil". Tomo IV, 1917, pgs. 394 a 424, com estampas. "*Da Arquitetura Colonial no Brasil*" — Arqueologia e Arte — in "Estado de São Paulo" numero do Centenario, 7 de Setembro de 1922, reproduzido em "La Nacion" de Buenos Aires, com ilustrações. "*A Proposito da Arquitetura Colonial*" — in "Estado de São Paulo", 15/4/1926. "*A Restauração da Igreja da Ordem Terceira do Carmo*" — in "Estado de São Paulo", 1927.

franciscanos, companheiros — de armadura monacal — da aventura lusiada dos seculos XV a XVI, partindo conjuntamente do Centro Peninsular e Português, que Eugenio D'Ors considera e classifica o *Arquetipo do Baroco* (*).

O novo edificio da Faculdade de Direito de São Paulo constituirá portanto um padrão nacional, que não contrastará com o avançado progresso da modernidade paulista, e pelo contrario será uma eloquente afirmativa da sua cultura através duma historia gloriosa, digna de ser fixada de modo imperduravel num dos seus principais monumentos.

(*) EUGENIO D'ORS — *Du Baroque* — Trad. de A. Rouardt-Valéry — Paris, Gallimard, 1936 — pags., 185 e segs.

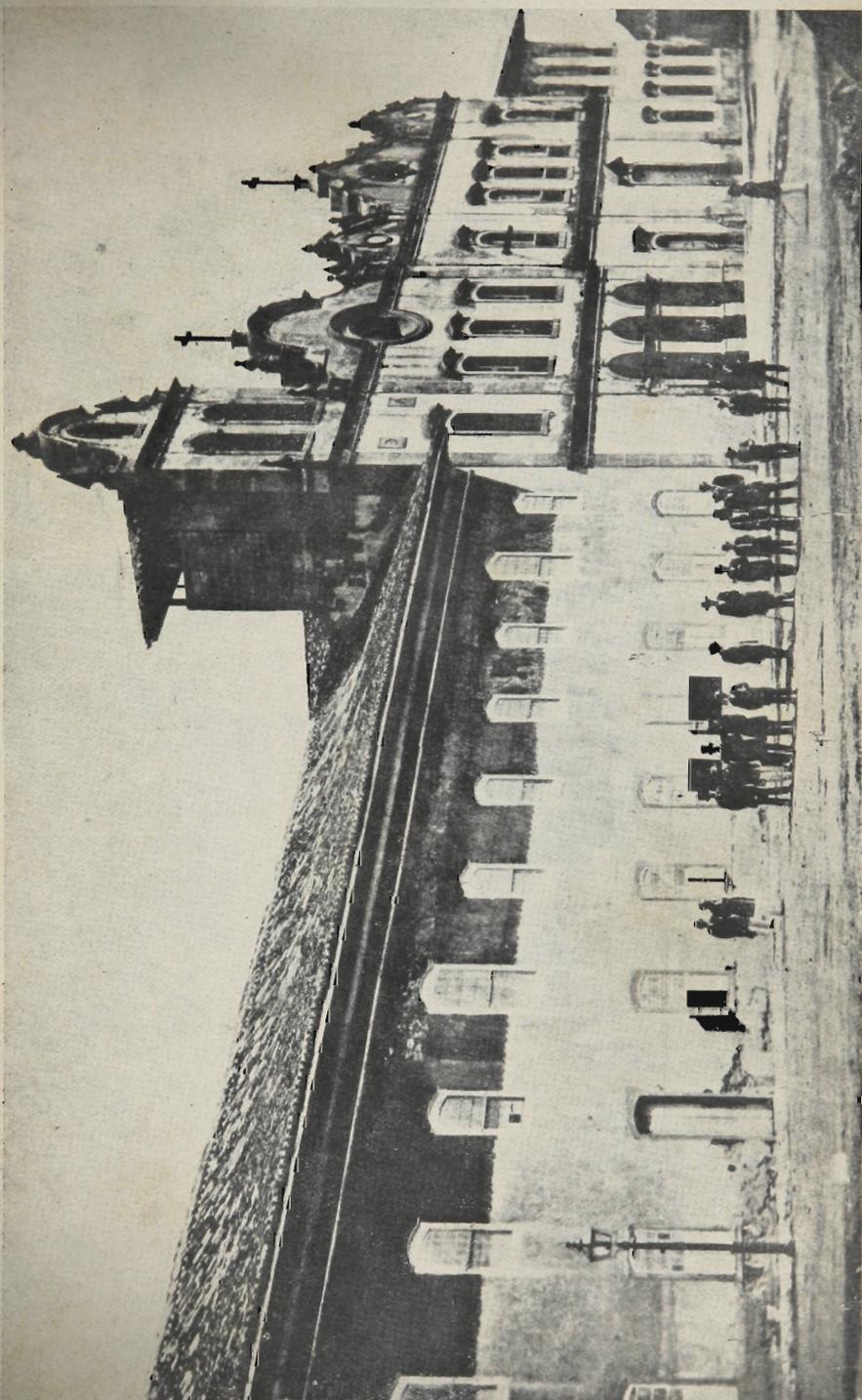


Fig. 1 — A Faculdade de Direito em 1860.

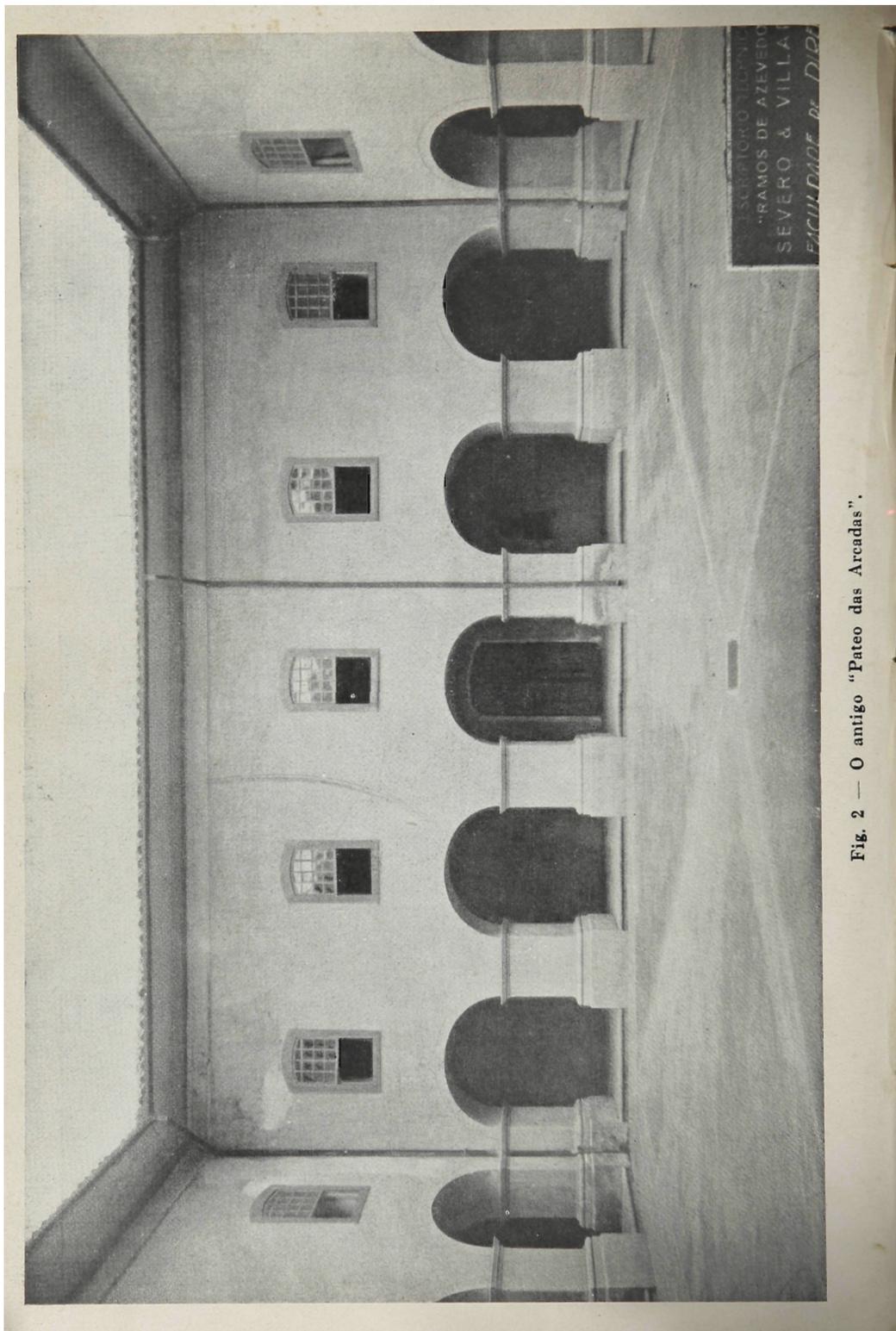


Fig. 2 — O antigo "Pateo das Arcadas".

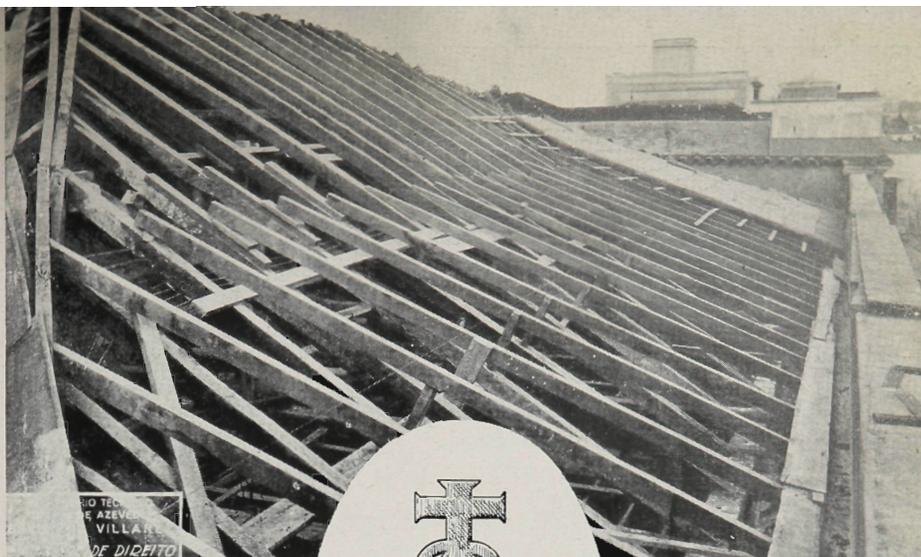


Fig. 5 — Armadura do antigo telhado.



ESPELHO DA FECHADURA



Fig. 6 — Porta almofadada do Mosteiro.

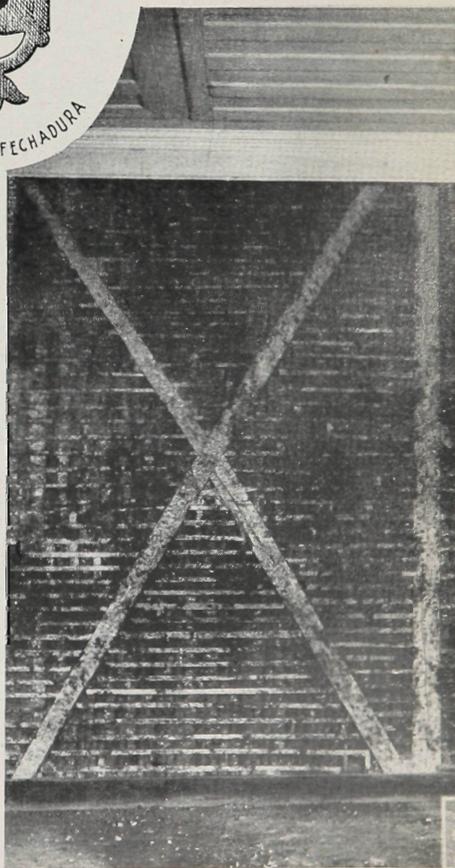


Fig. 7 — Tabique das paredes interiores.

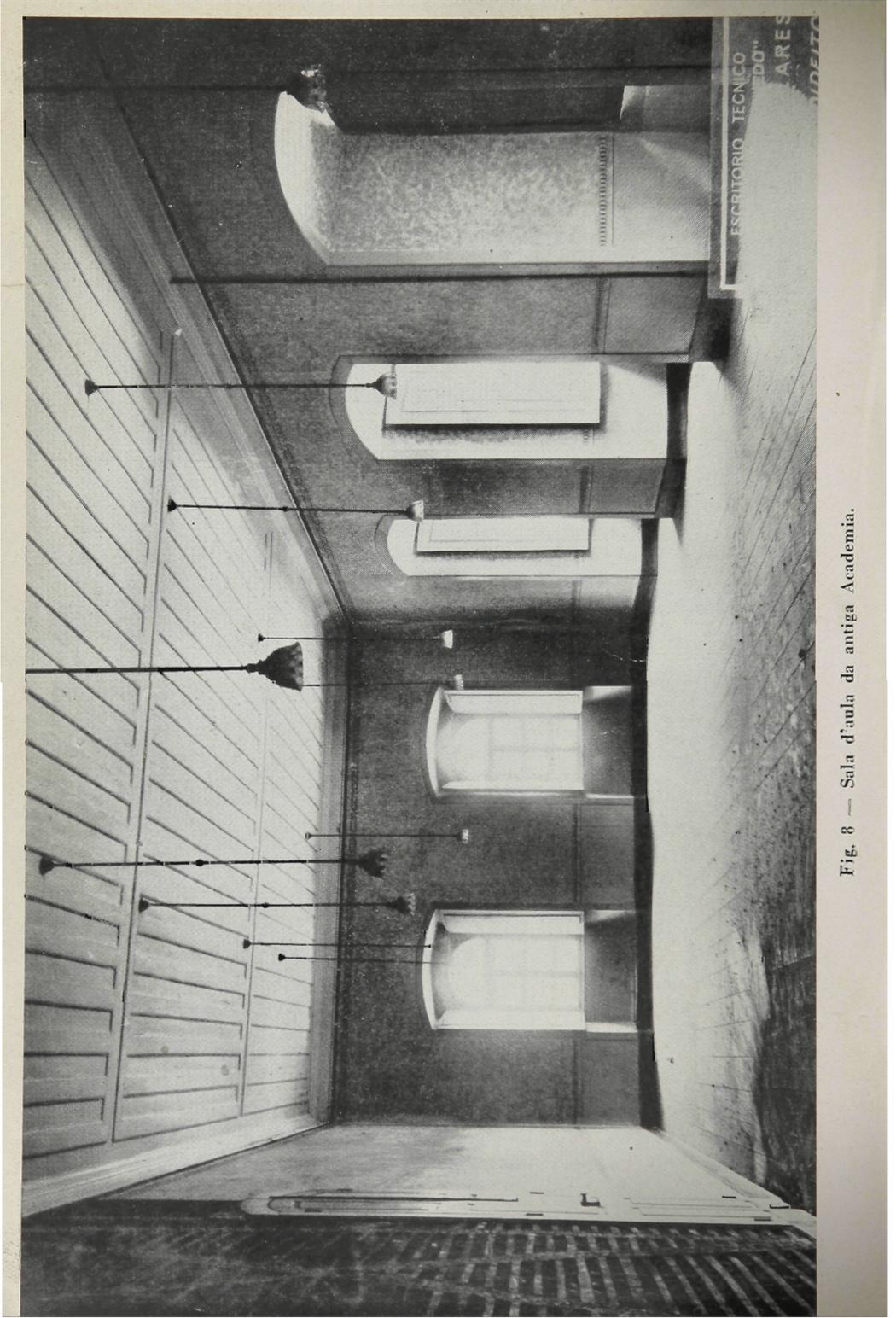


Fig. 8 — Sala d'aula da antiga Academia.

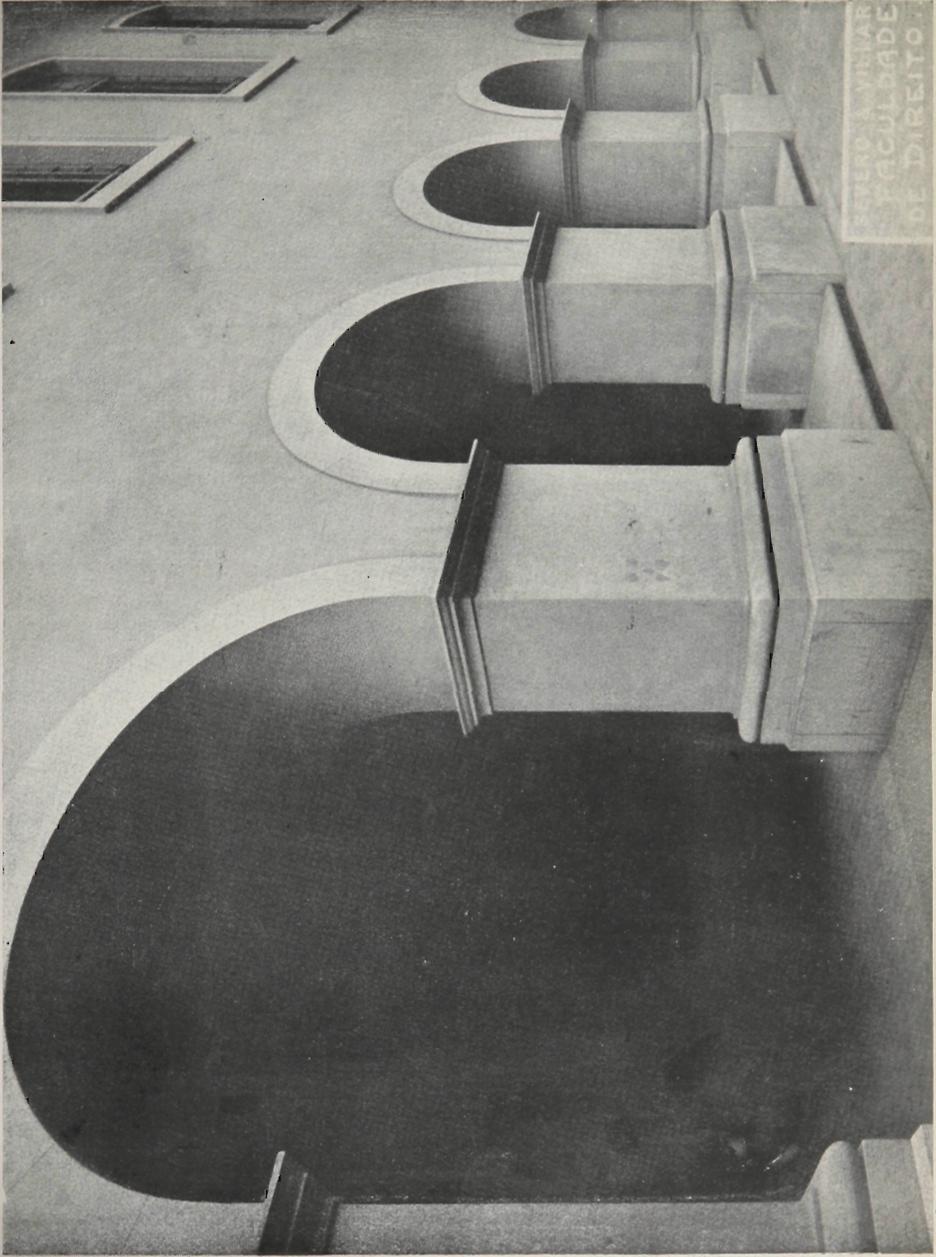


Fig. 9 — O "Pátio das Arcadas" restaurado.

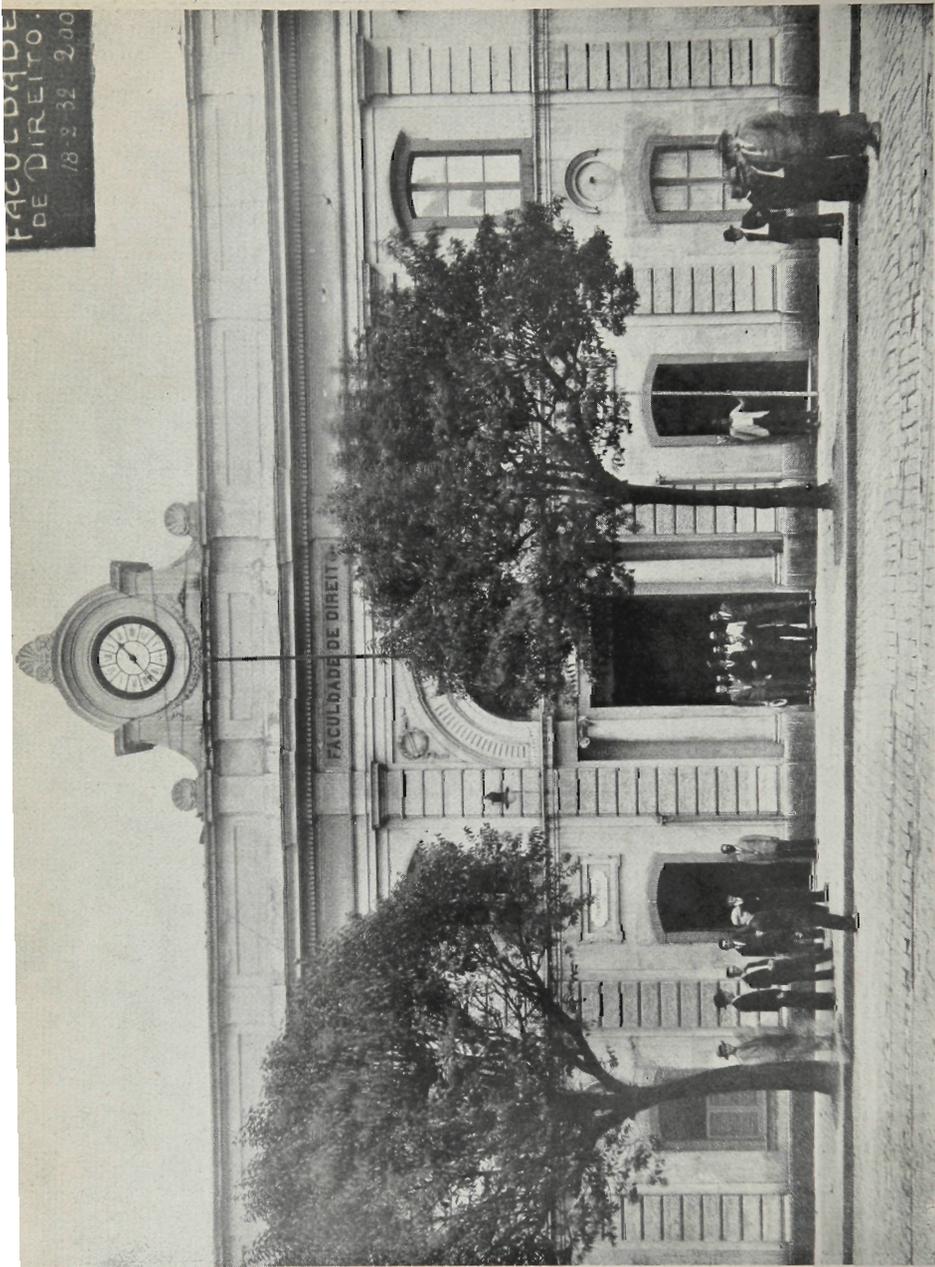
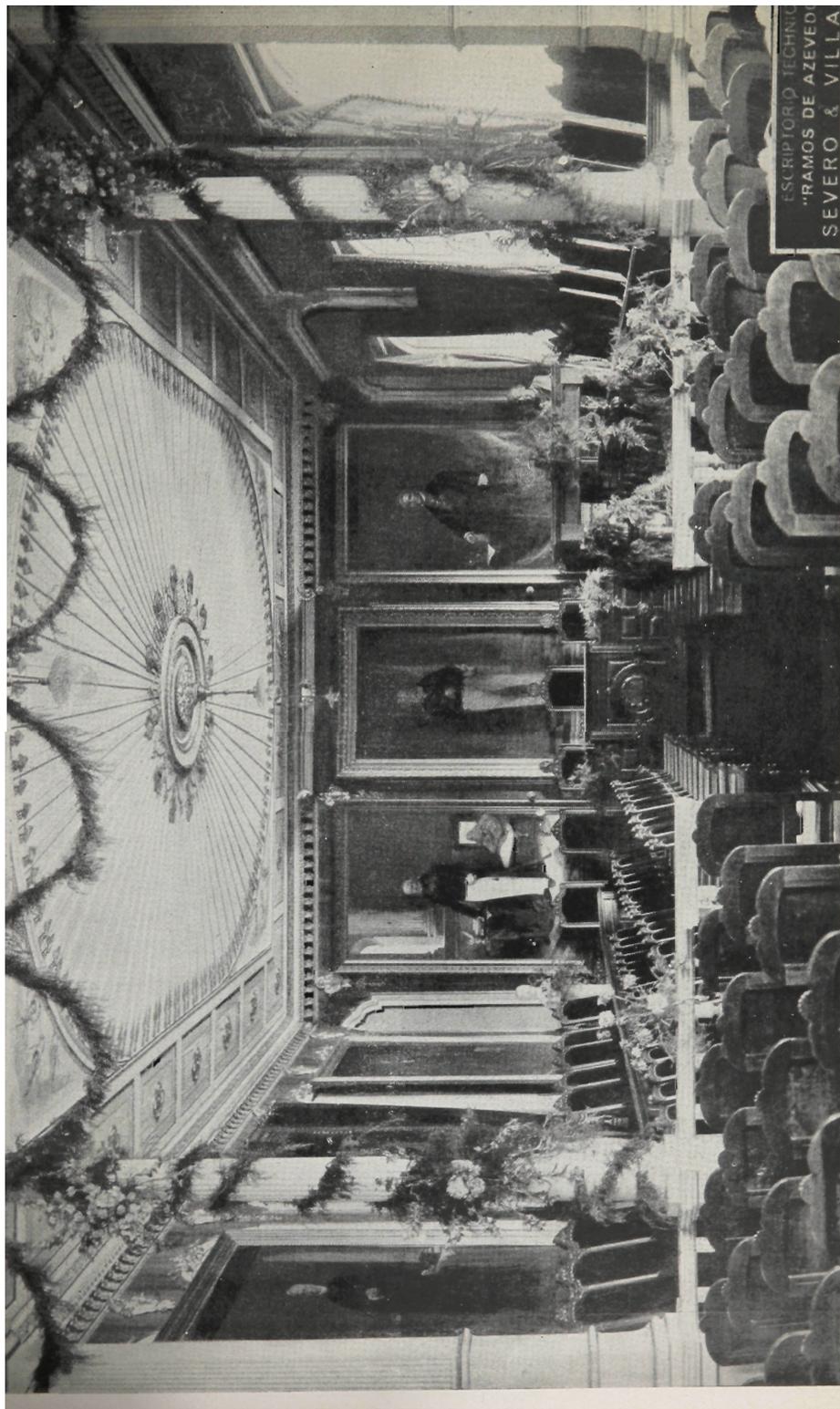
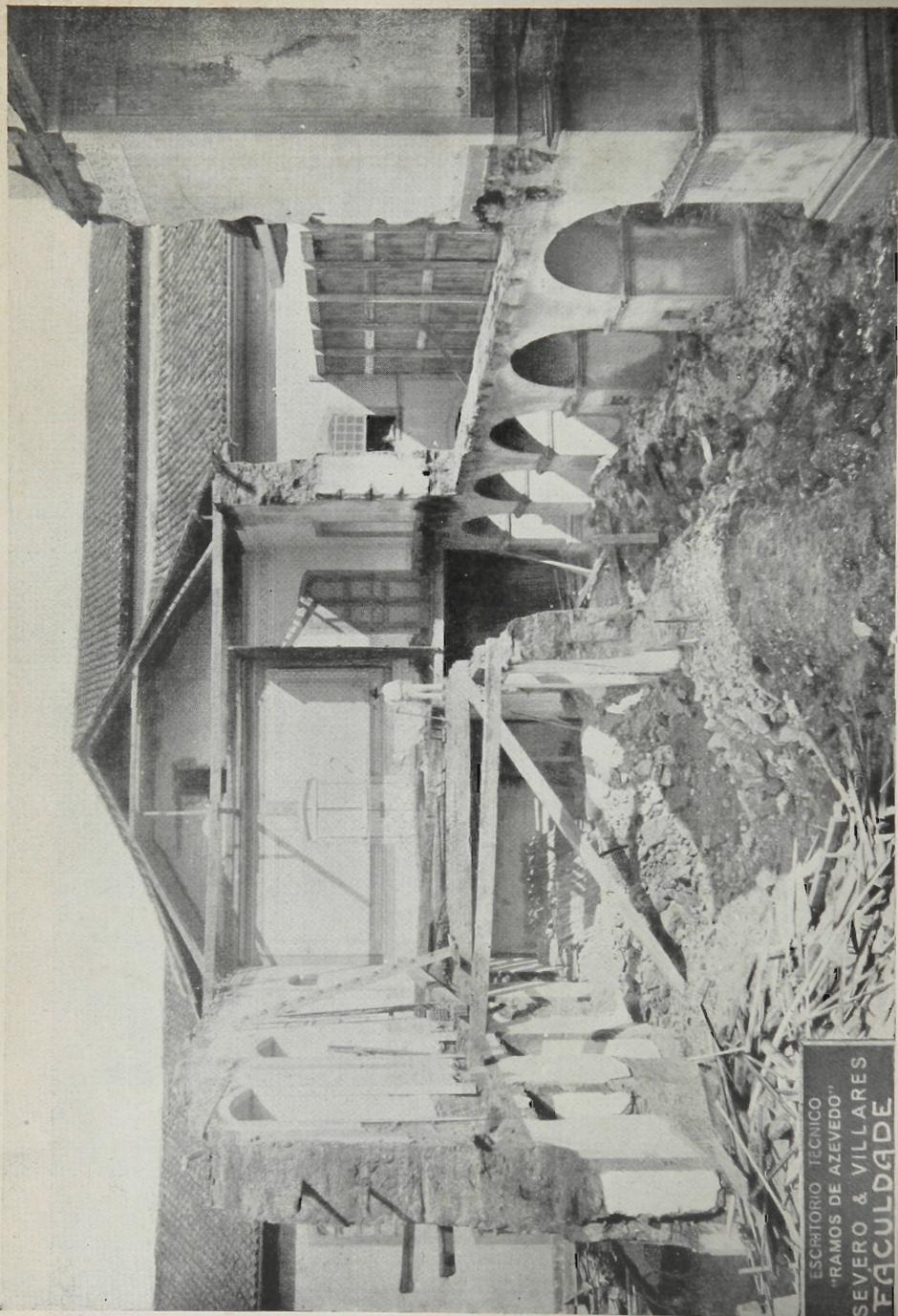


Fig. 10 — Frontaria da Academia em 1886-1932.



ESCRITORIO TÉCNICO
"RAMOS DE AZEVEDO"
SEVERO & VILLA

Fig. 11 — Salão Nobre da Faculdade em 1886-1932.



ESCRITÓRIO TÉCNICO
"RAMOS DE AZEVEDO"
SEVERO & VILLARES
FACULDADE

Fig. 12 — Um aspecto da demolição.

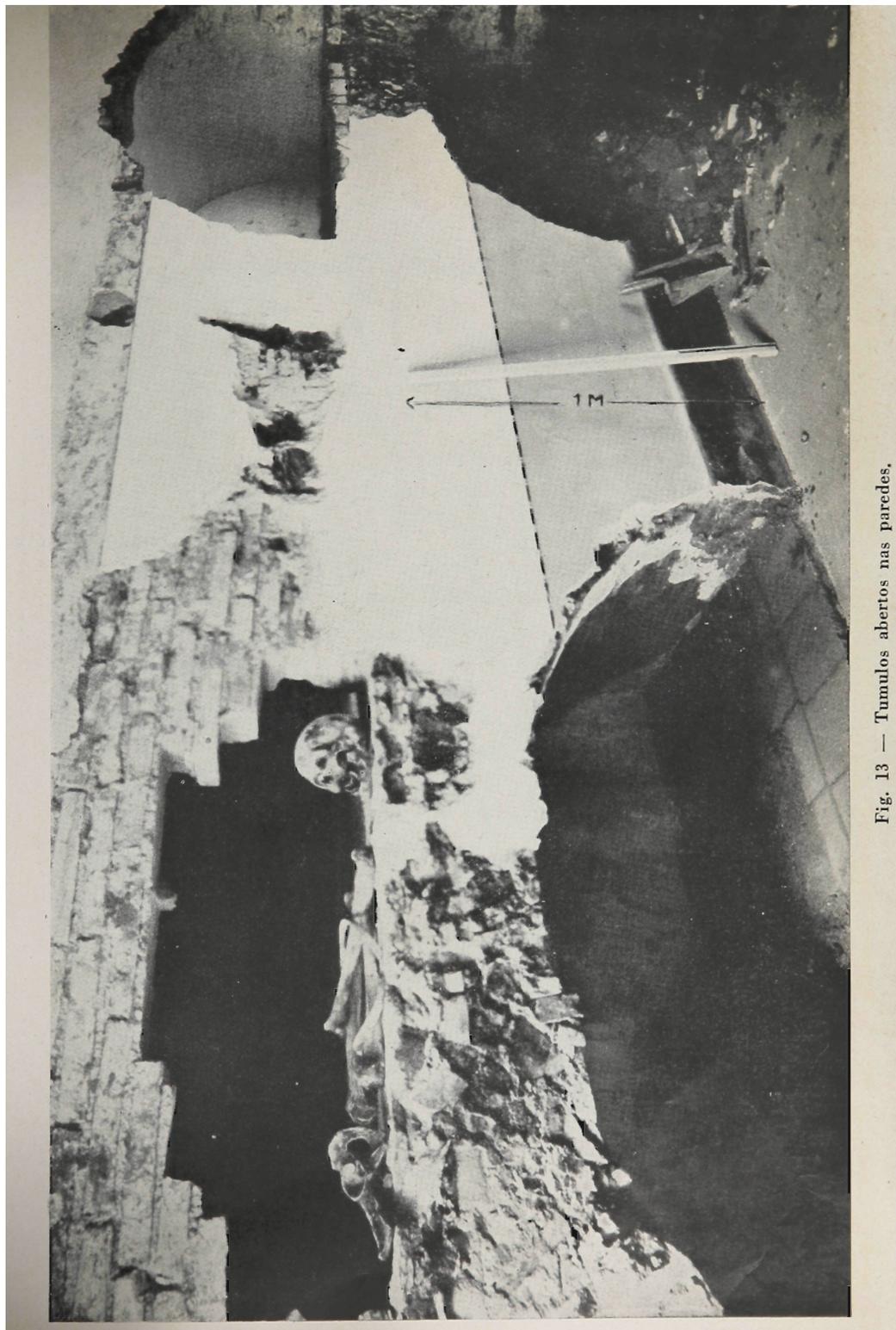


Fig. 13 — Tumulos abertos nas paredes.

22A-50 2.º ETAPLO

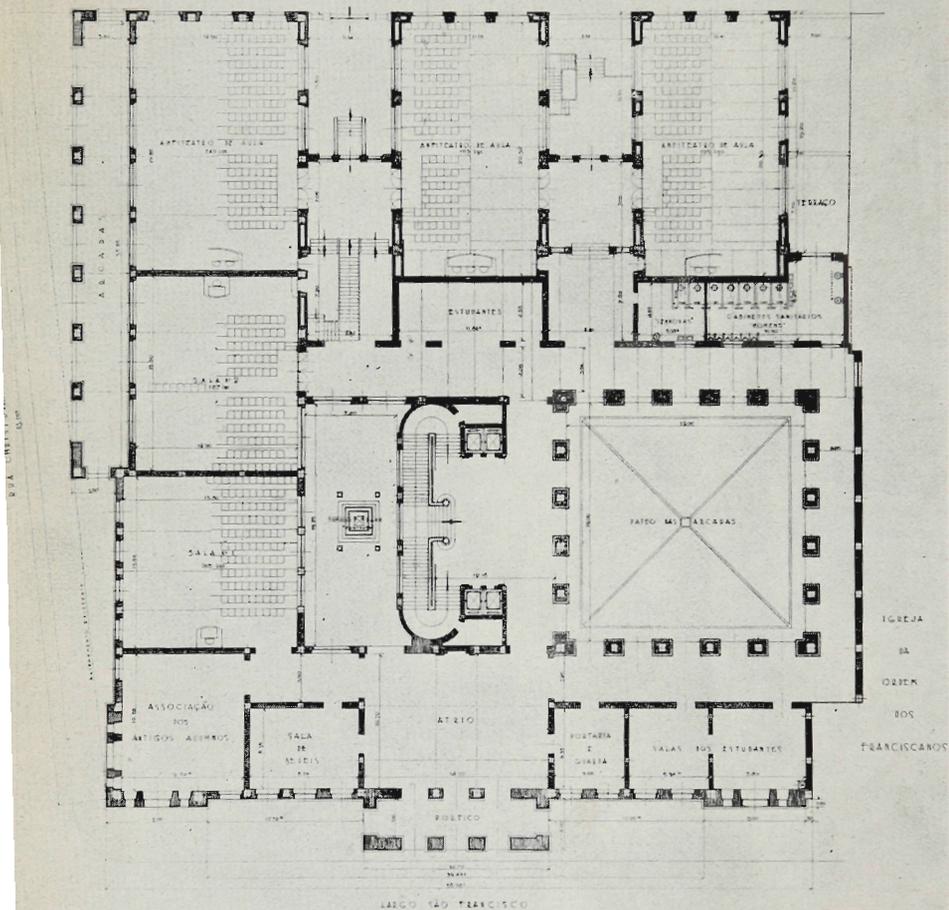


Fig. 14 — Planta do novo edificio — 1.º pavimento.

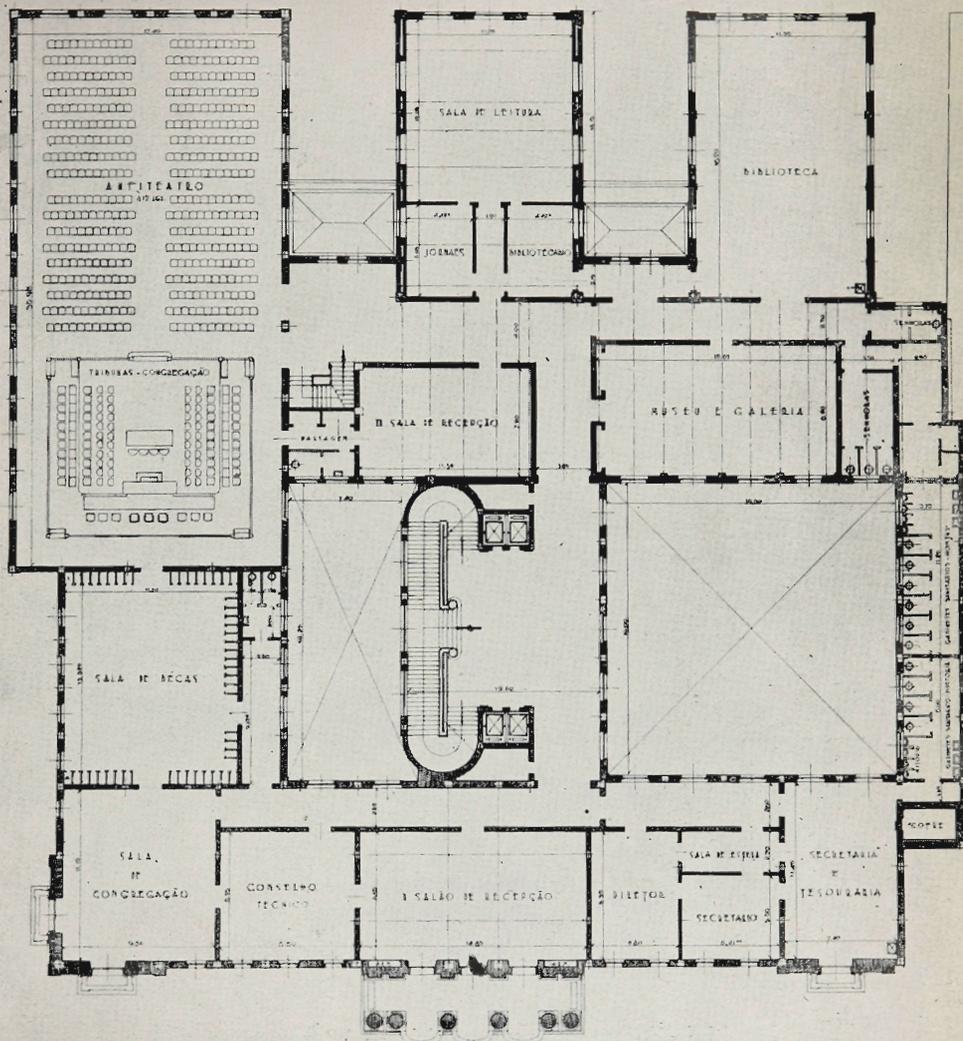


Fig. 15 — Planta do novo edificio — 2.º pavimento.

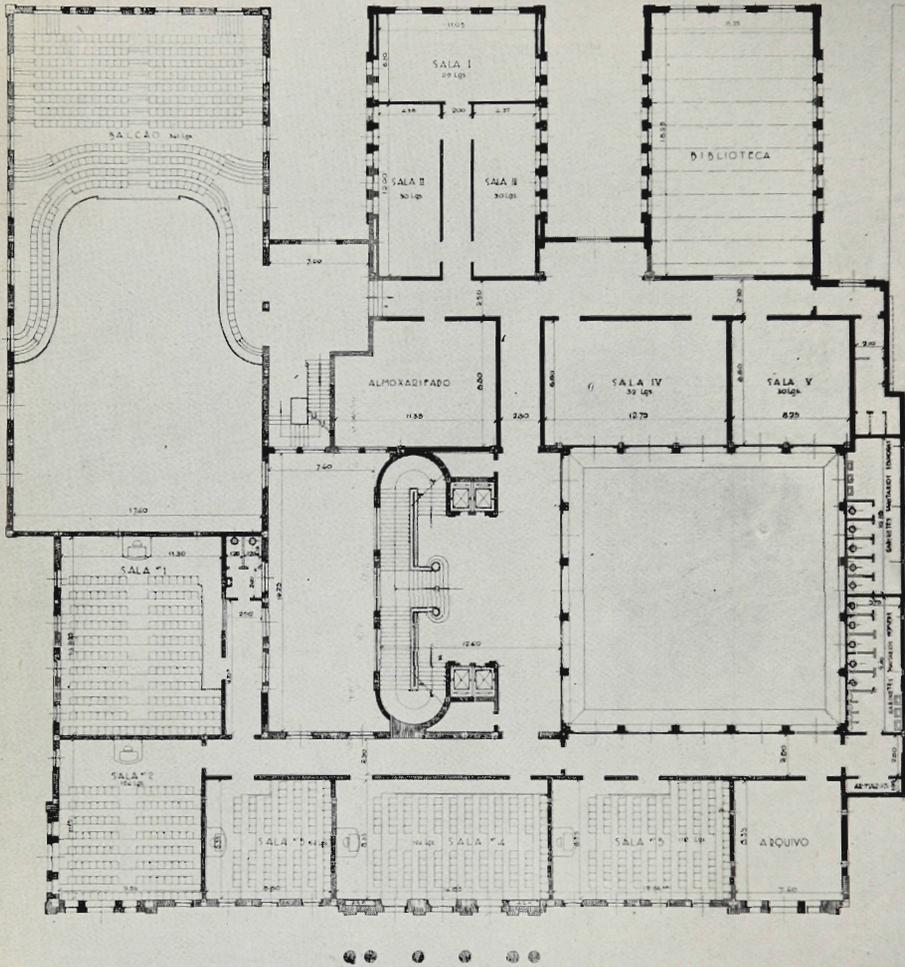


Fig. 16 — Planta do novo edificio — 3.º pavimento.

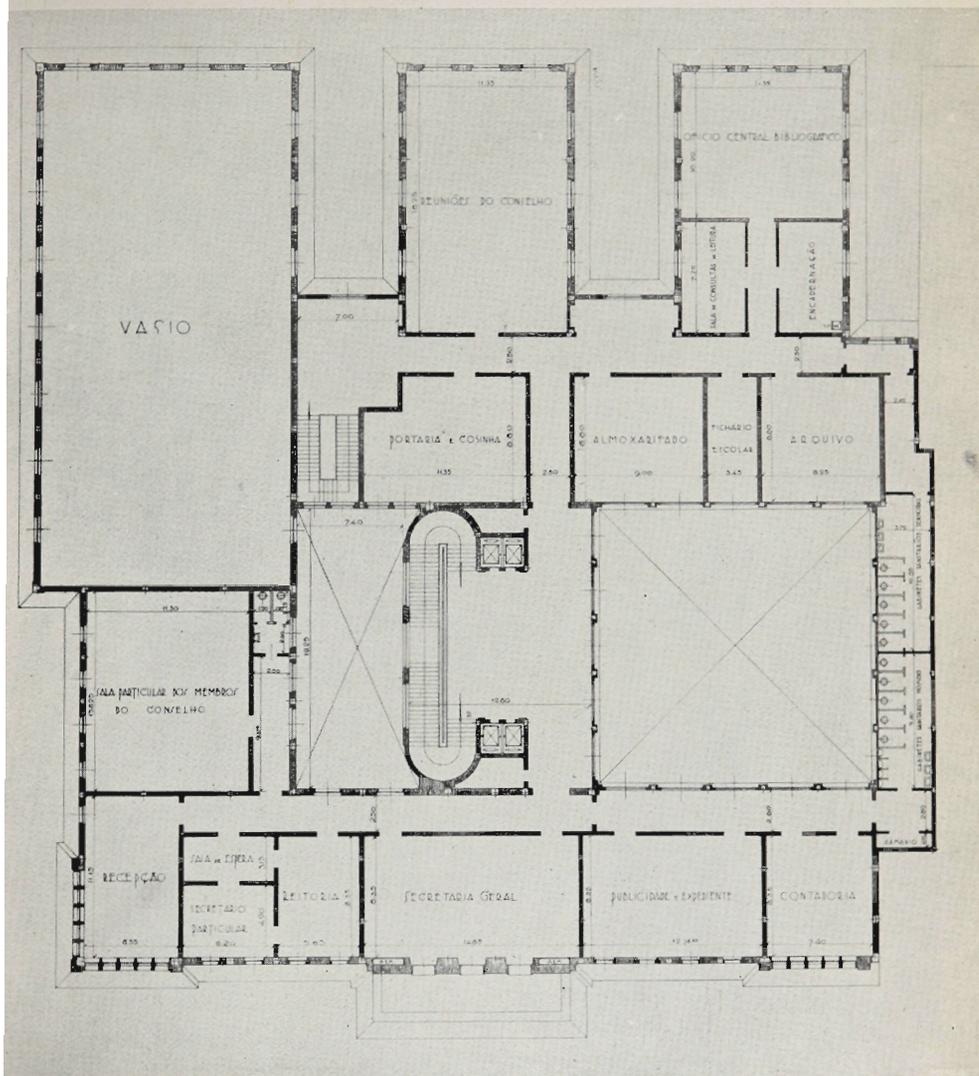
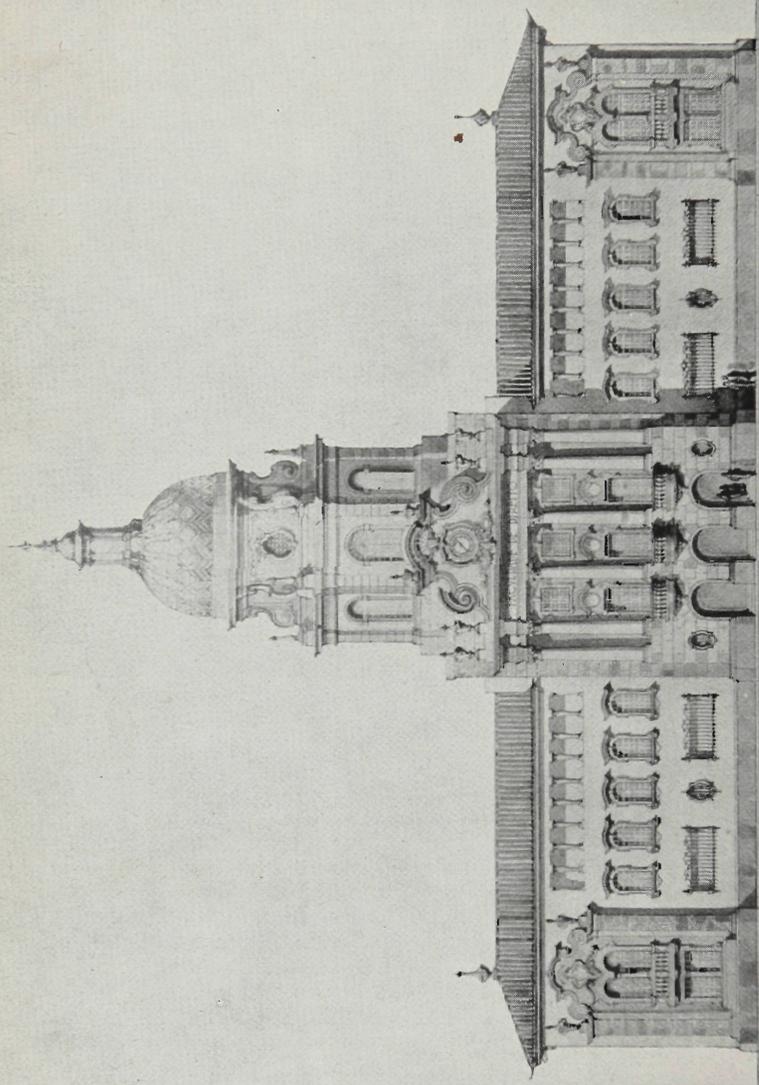
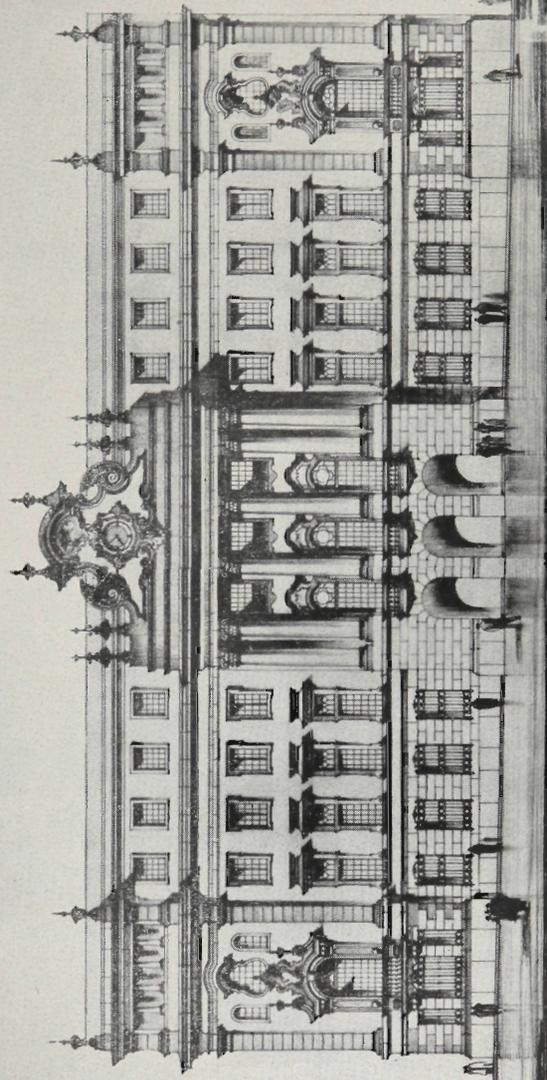


Fig. 17 — Planta do novo edificio — 4.º pavimento.



ANTEPROJETO PARA A FACULDADE DE DIREITO - SAO PAULO

Fig. 18 — Fachada para o ante-projeto de 3 pavimentos.



FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO
LARGO SÃO FRANCISCO

Fig. 19 — Fachada para o projeto do novo edifício — 4 Pavimentos.



Fig. 20 — Fachada do novo edificio, executada na rua Riachuelo,

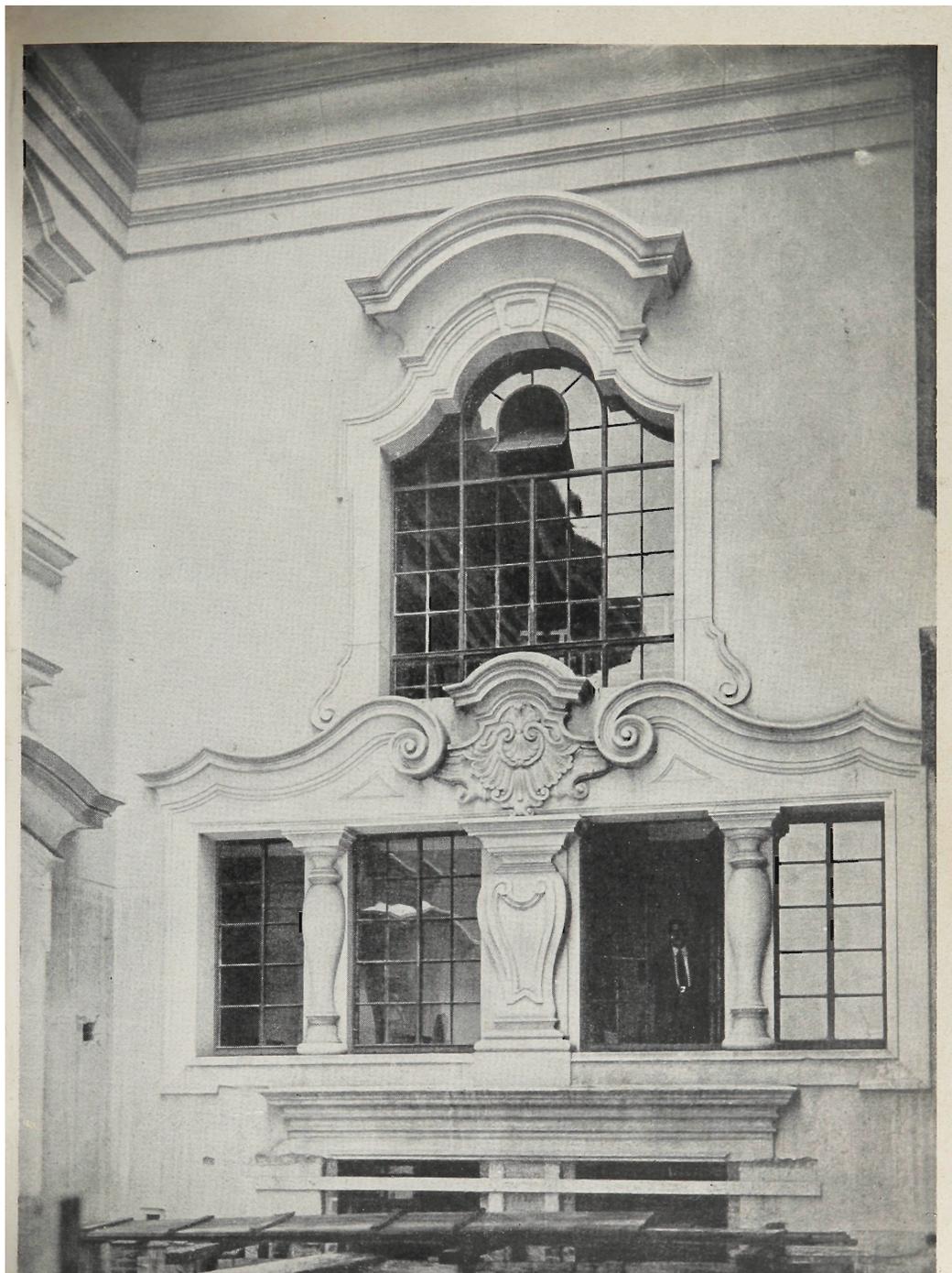


Fig. 21 — Detalhe dos pateos nos fundos.